



EcodoAmor

Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre - ACN Brasil

Ano 65 • Abril de 2018

Testemunhas da Esperança

“A esperança é como uma menininha que vai andando, sem ser notada, entre suas duas irmãs maiores, a fé e a caridade. Mas, na realidade, é essa garotinha que arrasta tudo consigo.”

FUNDAÇÃO
PONTIFÍCIA



Ajuda à Igreja que Sofre



EcodoAmor

Eco do Amor é uma publicação mensal da ACN Brasil
Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre.

Fundada em 1947 pelo Padre Werenfried van Straaten, a **ACN (Aid to the Church in Need)** é uma Fundação Pontifícia que tem por missão apoiar projetos de cunho pastoral em países onde cristãos sofrem perseguição religiosa, guerras, revoluções ou miséria.

Mais de **60 milhões de pessoas são beneficiadas indiretamente todos os anos, através dos mais de 5 mil projetos apoiados pela Ajuda à Igreja que Sofre em cerca de 140 países**, incluindo o Brasil. Tudo isso graças aos seus mais de 600 mil benfeitores espalhados pelo mundo.

FUNDAÇÃO
PONTIFÍCIA



Serviço de Atendimento ao Benfeitor
(Como se tornar benfeitor, mudança de endereço, pedidos de orações, sugestões e dúvidas)
0800 77 099 27 (ligação gratuita)
De segunda a sexta das 8h às 18h

acn.org.br
atendimento@acn.org.br
(0xx11) 94665-0917  WhatsApp

São Paulo (sede)
Rua Carlos Vitor Coccozza, 149
Vila Mariana · São Paulo / SP
04017-090 · Brasil
(0xx11) 2344-3740

Rio de Janeiro
Rua São José, 90 – Sala 2201-B
Centro · Rio de Janeiro / RJ
20010-020 · Brasil
(0xx21) 3178-0202

Assista aos nossos programas de televisão “**A Igreja pelo Mundo**” e “**Onde Deus Chora**” nas emissoras: Canção Nova, Horizonte, Milícia Sat, Nazaré, Rede Evangelizar, Rede Vida, Século 21 e TV Tubá



EcodoAmor

Indique um Amigo

Indique amigos e familiares para receberem gratuitamente o **Eco do Amor**, com a orientação espiritual do mês, os principais projetos auxiliados no período e a possibilidade concreta de ajudar quem mais precisa. Acesse o site **acn.org.br** ou ligue para **0800 77 099 27**

Testemunhas da Esperança

Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel” (Lc 24,21). Essa foi a decepcionante avaliação da Páscoa dos discípulos de Emaús. Dois homens deprimidos caminhavam para um futuro sem sentido. Eles perderam toda a esperança. Somente ao partir do pão eles reconhecem o Ressuscitado, recebendo ao mesmo tempo o grande dom divino da esperança. É verdade que, com isso, eles “ainda não” alcançaram a salvação definitiva, entretando recontraram o sentido.

O poeta francês Charles Péguy descreve a segunda virtude teologal, esperança, como uma menininha que vai andando, sem ser notada, entre suas duas irmãs maiores, a fé e a caridade. Mas, na realidade, é essa garotinha que arrasta tudo consigo. A esperança, diferente da fé e caridade, tem seus olhos voltados para aquilo que ainda não é, mas será.

Muitos cristãos sobrevivem à tortura, à prisão ou ao sofrimento graças à esperança. Isso não significa uma fuga da realidade, mas uma força sobrenatural, orientada para a felicidade da salvação. A esperança cristã oferece no “aqui e agora” o verdadeiro sentido para o caminho. A liberdade, a razão, o progresso, tudo isso pode alterar bem pouco a miséria deste mundo. Mas nós podemos

realizar muito se, através da ressurreição de Jesus, a esperança na salvação permanecer viva em nós.

O Papa emérito Bento XVI apresenta na sua carta encíclica *Spe Salvi* três lugares significativos de aprendizagem da esperança. O primeiro é a oração. Porque a oração, na sua forma original de súplica, nada mais é do que a expressão de quem tem esperança. O segundo lugar é toda a boa ação do homem. É a coragem de seguir em frente todos os dias, mesmo que nem sempre tenhamos sucesso ou que falhemos. O terceiro lugar é a compaixão e a capacidade de suportar o sofrimento. É claro que devemos procurar aliviar o sofrimento; mas só Deus pode vencê-lo definitivamente. E será pela medida da nossa esperança que poderemos acabar com o mal e a culpa no mundo, fontes do sofrimento.

Caros amigos, todos nós somos chamados a ser testemunhas da esperança. Pela nossa oração, pelas nossas boas ações e pela nossa compaixão, queremos ser uma fonte de esperança pascal para todos os que são atingidos pela necessidade e pela dor.

A esperança é como uma menininha que vai andando, sem ser notada, entre suas duas irmãs maiores, a fé e a caridade. Mas, na realidade, é essa garotinha que arrasta tudo consigo.



**Pe. Martin
M. Barta**

**Assistente Eclesiástico
Internacional**

DEUS

já estava aqui

Irmã Maria Vitória percorre toda região de Tururu, Ceará, ajudando a comunidade e promovendo sempre um encontro com Deus.



Ajude-nos! Conheça os projetos da ACN e seja um missionário a partir da sua casa. Faça uma doação a qualquer Bradesco: Ag. 3450 Cc. 15.660-4 | Santander: Ag. 3793 Cc. 13-000507-8 | Caixa Econômica Federal: Ag. 0245

Caso as doações superem a necessidade do projeto apresentado,

Desde que Irmã Maria Vitória saiu de sua terra em Cabo Verde, país em um arquipélago a oeste da África, como qualquer missionário ela imaginou que o impulso do Espírito Santo a enviaria a lugares onde a presença de Deus fosse desconhecida a muitas pessoas. Mas tão logo chegou em Tururu, uma pequena cidade a 18 quilômetros de Itapipoca, no Ceará, para perceber que nem sempre a missão é assim: “Nós viemos para esta comunidade, mas Deus já estava aqui. Nós somos uma presença para somar com o povo”.

As Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, também conhecidas como Irmãs Orionitas, chegaram em Tururu há pouco mais de um ano, em outubro de 2016, mas isso foi tempo suficiente para perceberem que Deus se manifestava na simplicidade e na fé das pessoas. “Para mim está sendo uma experiência muito significativa conviver com o povo, pois as pessoas nos ensinam muito”, reconhece cheia de alegria a irmã cabo-verdiana.

Acolhidas na Paróquia Nossa Senhora da Conceição elas rapidamente se envolveram com a comunidade e servem incansavelmente em diversas atividades, como na catequese, no cuidado com os jovens e nas celebrações. São elas que dão cursos de formação bíblica e iniciação cristã, visitam os doentes e muitos mais. O povo reconhece nas irmãs uma presença indispensável na comunidade e contam com elas para muitas coisas, como conta irmã Marta: “Eles sempre pedem que estejamos presentes nos encontros, nas celebrações e principalmente na vida deles, auxiliando naquilo que eles necessitam”.

Padre Francisco de Assis de Oliveira, pároco da paróquia Nossa Senhora da Conceição, diz que a vinda das irmãs mudou a rotina da cidade: “Antes da chegada delas a igreja só abria para as missas. Agora ela está aberta o tempo todo e sempre com uma irmã para atender a quem precisar”.



Assim como seu fundador, São Luís Orione, as irmãs orionitas são sinal de Deus junto aos mais pobres.

E esse acolhimento não é feito apenas entre as paredes da paróquia; às vezes é preciso percorrer longas estradas para alcançar outros que precisam do conforto e do carinho da Palavra de Deus. As irmãs visitam muitas comunidades ao redor de Tururu. Algumas delas ficam a mais de 30 quilômetros de distância, e como somente as ruas da cidade são asfaltadas, a maioria desses percursos é feito em estradas de terra e areia, muitas vezes na garupa de uma motocicleta, caronas que recebem do próprio povo.

Além do desafio das distâncias e dificuldade de locomoção, as irmãs enfrentam ainda uma luta contra a grande vilã da juventude na região: as drogas. “Mesmo eles tendo uma formação, participando da igreja, a oferta da droga é muito forte”, diz irmã Maria das Neves. As irmãs se esforçam para que os jovens encontrem em Deus a satisfação de seus anseios, e esse empenho já está dando frutos. A presença dos jovens tem se tornado cada vez mais forte na comunidade. Só na pastoral dos coroinhas são setenta, além dos que participam de outras pastorais.

A ACN apoia a missão das Irmãs Orionitas com uma ajuda existencial que auxilia na manutenção da casa, no transporte para as comunidades, na alimentação e outras necessidades. Essa ajuda é recebida com muita gratidão: “Nós sabemos que a missão sempre precisa de apoio, por isso agradecemos e rezamos muito pelos benfeitores da ACN que nos ajudam”. ■

A história do Padre Paul-Elie

“Te chamei pelo teu nome...” (Is 43,1)



De volta à Argélia: Padre Paul-Elie

A Argélia é uma bomba-relógio da migração. Situação política incerta; crise econômica; 43 milhões de habitantes, dois terços deles abaixo de 30 anos; de cada três jovens, um está desempregado.

Nessa situação, o que falta é a esperança. Esperança no futuro do próprio país. Esperança que falta para muitos, mas que hoje sobra para o Padre Paul-Elie. Ele conhece o seu país. Ele conhece as pessoas. Ele também sabe o que pensam os jovens, e não só os cristãos. Quando jovem, Padre Paul-Elie se chamava Ali e era muçulmano.

Ali viveu a guerra civil na década de 1990. Foram os anos escuros da Argélia: mais de 200 mil pessoas foram mortas. Islamitas e o exército propagavam suas fúrias recíprocas. Nesse contexto foi que o jovem Ali perdeu a esperança e já não acreditava em mais nada, só se dedicava aos estudos, graduando-se em informática. Até que um primo o levou para uma capela escondida de uma comunidade evangélica. “Lá ouvi Jesus”, lembra o padre. *“Ele me chamou pelo nome e disse que me protegia, como sempre me protegeu. Eu me senti amado como nunca antes. Aquilo me tocou profundamente. Durante dez minutos eu só conseguia chorar.”* Então ele foi batizado. A fome pela verdade, no entanto, permaneceu. **Um missionário católico lhe trouxe, anos depois, o Pão da Vida, e ele se converteu.** Os islamitas ficaram sabendo disso, perseguiram-no, ameaçaram sua família. Ele vai para a Europa, ainda com fome de esperança, ainda com o coração inquieto. Na Bélgica, ingressou numa comunidade religiosa, seguiu adiante para a França e começou, aos 34 anos, o estudo de Teologia. Seis anos depois, em 2016, foi ordenado sacerdote.

Agora o Padre Paul-Elie retorna à Argélia. “Aqui precisam de mim”, diz ele. “Meu coração está tranquilo, mesmo que haja uma tempestade ao meu redor”. Ele lembra Santa Teresa de Ávila, que uma vez se queixou com Deus dizendo: “Onde você estava, meu amado Jesus, durante essa terrível tempestade?” Nosso Senhor lhe deu por resposta: “Eu estava no mais íntimo do seu coração.” É o que acontece também com o Padre Paul-Elie. Ele agora tem a missão de levar aos homens essa paz interior que vem de Deus nas muitas aldeias que se espalham pelas montanhas. Quer levar o próprio Jesus, a Eucaristia, e conduzir o “diálogo da convivência”.



Todos precisam sentir o amor de Cristo.

A ACN prometeu ajudar na compra de um carro. Nem montanha, nem nada poderá deter a esperança que conduz Padre Paul-Elie. ■



Graças à sua generosidade, a ACN pôde ajudar na sobrevivência das "Servas de Maria, Auxiliadoras dos Doentes" em Cuba.

A Irmã Brunilda escreveu dizendo que ela e mais três irmãs podem agora viver e servir "entregues à Providência Divina, graças a essa ajuda".



Necessidade, amor e gratidão

As cartas de vocês

A providência não deixa faltar

Peço desculpas por não conseguir novos afiliados, porém de minha parte, espero confiante em Deus, sempre enviar minha contribuição, que consigo com grande esforço. Tenho 83 anos de idade e sou doente, mas ainda consigo fazer alguns objetos de arte só para ajudar a Igreja que sofre. É o que envio cada mês. A providência divina é que não deixa faltar. Confio e espero em Deus, até o meu último mês de vida neste mundo, por cumprir com este propósito. Compreendo, é muito bem

aplicada a gotinha que, com grande amor envio ao oceano de necessidades que a ACN luta para socorrer em todos irmãos sofredores. Carinhoso abraço. **De uma religiosa de Cajazeiras, na Paraíba**

Espalhar mais e mais

Estamos intimamente unidos à ACN e espalhamos isso mais e mais. Há três anos eu costumo assar pão para o bazar do Advento. Com as doações de tanta gente boa, envio-lhes agora novamente 1.000 euros. **De uma benfeitora da Áustria**

Escreva e compartilhe o seu testemunho com a ACN:

Ajuda à Igreja que Sofre - Caixa Postal 46059 - Cep: 04045-970 - São Paulo - SP
por e-mail: atendimento@acn.org.br ou pelo Facebook

Caros Amigos

especial

Sete anos se passaram desde quando aceitei o pedido do Cardeal Piacenza para colocar-me à disposição da ACN. Naquele momento aceitei exclusivamente por um senso de dever para com a Igreja, mas sem entusiasmo, porque eu não conhecia a ACN e eu mesmo tinha planos bem diferentes para a minha aposentadoria. Hoje eu olho com grande gratidão para esses sete anos. Pude contribuir com as minhas experiências profissionais para essa Fundação desejada pelo Papa Bento XVI. Sobretudo pude conhecer essa joia entre as organizações de caridade da Igreja. O Padre Werenfried enxergou a nossa missão de construir uma "ponte de amor" entre vocês, generosos benfeitores, e a Igreja perseguida e sofredora. Em ambos os lados dessa ponte conheci pessoas maravilhosas: missionários fantásticos e benfeitores magníficos. Nos escritórios nacionais e na sede de Königstein, encontrei pessoas que, com paixão e dedicação, mantêm firme essa ponte. A grande fecundidade dessa Obra só pode ser explicada pela oração que as pessoas oferecem umas pelas outras, nos dois lados e na própria "ponte de amor". As mãos de Deus, que abençoam e protegem, podem ser experimentadas dia após dia. Esses anos enriqueceram minha vida infinitamente. Obrigado! Obrigado! Obrigado!



Johannes Freiherr Heereman

Presidente Executivo

Roma, Itália

A ACN iluminou de vermelho o Coliseu, no dia 24 de fevereiro, para lembrar os cristãos perseguidos.



© Christian Gemari / ACN



Participe você também desta Obra de Amor!

Conhecer o trabalho da Igreja pelo mundo, rezar para que os desafios sejam superados e partilhar com os que mais precisam. Essas são as propostas da ACN para você. Faça parte: ligue gratuitamente para 0800 77 099 27, acesse acn.org.br ou escreva para: ACN - Ajuda à Igreja que Sofre - Caixa Postal 46059 - Cep: 04045-970 - São Paulo - SP



Evite o descarte deste informativo. Repasse-o a outra pessoa!